

ENTREVISTA

Os Olhos de poeta como enunciados performativos: uma entrevista imaginativa interespecies

Candice Didonet¹

Resumo

Esta entrevista foi realizada durante o mês de julho de 2022 na cidade colombiana de Bogotá. Entre caminhadas e percursos, pausas entre muros, cercas construídas, pontas de calçadas, árvores grandes, postes e fios de luz, sem eira nem beira se deu uma conversa imaginativa com a planta conhecida popularmente como *Ojos de poeta*. Os Olhos de poeta são flores redondas laranja fluorescente, uma planta trepadeira que se espalha facilmente com suas folhas pequenas de texturas aveludadas. Os Olhos de poeta tem a característica espacial de serem plantas migrantes, consideradas daninhas e uma ameaça por sua capacidade de se alastrar com facilidade. Esta entrevista persegue a ecopoética da existência dos Olhos de Poeta como enunciados performativos contidos em seu próprio nome. A pesquisadora em estudos da performance Diana Taylor aponta que o filósofo inglês J. L. Austin cunhou o termo performativo para mostrar como a linguagem pode ser um ato, pois as palavras em certos contextos, fazem e criam situações. Assim, os enunciados performativos se convertem como feitos em si e as palavras são consideradas ações. Neste caso, a entrevista imaginativa ativa os Olhos de poeta em suas existências insistentes, que constituem maneiras de estar no mundo acercadas das condutas para a realização desta escrita.

Palavras-chave: Escrita performativa; Ecopoética; Investigação-Criação.

Los Ojos de poeta como enunciados performativos: una entrevista imaginativa interespecies

Resumen

Esta entrevista se realizó durante el mes de julio de 2022 en la ciudad colombiana de Bogotá. Entre paseos y senderos, pausas entre muros, cercas construidas, puntas de aceras, grandes árboles, postes y alambres de luz, sin trascendencia ni borde tuvo lugar una entrevista imaginativa con la planta conocida popularmente como Ojos de Poeta. Los Ojos de Poeta son flores redondas naranja fluorescente, una planta trepadora que se extiende fácilmente con sus pequeñas hojas de texturas aterciopeladas. Los Ojos de poeta tienen la característica espacial de ser plantas migratorias, consideradas malezas y una amenaza por su capacidad de propagarse con facilidad. Esta entrevista persigue la ecopoética de la existencia de los Ojos de poeta como enunciados performativos contenidos en su propio nombre. La investigadora de estudios de performance Diana

¹ Artista e pesquisadora do corpo. Professora adjunta do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é doutoranda em Estudos Artísticos na Facultad de Artes ASAB da Universidad Francisco José de Caldas, em Bogotá, Colômbia. Possui mestrado em Dança e especialização em Estudos Contemporâneos em Dança pela Universidade Federal da Bahia e é bacharel em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC/SP. Link para o currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/9311315710874718>.

Taylor señala que el filósofo inglés J. L. Austin acuñó el término performativo para mostrar cómo el lenguaje puede ser un acto, pues las palabras en ciertos contextos, hacen y crean situaciones. En este caso, la entrevista imaginativa activa los Ojos del Poeta en sus existencias insistentes, que constituyen formas de estar en el mundo acercadas de las conductas para la realización de esta escritura.

Palabras clave: Escritura performativa; Eco-poética; Investigación-Creación.

CD: Olhos de poeta, agradecemos sua disponibilidade para esta entrevista.

Poderia nos contar um pouco sobre você e suas andanças territoriais?

Sou a planta *Thunbergia alata* conhecida como *Ojos de Poeta* aqui na Colômbia. Também estou em muitos cantos do Brasil. Sou uma espécie de planta escaladeira ou trepadeira originária em África Oriental. Meu grande apelo ornamental se expandiu ao longo dos anos na Colômbia e em muitos países da América Latina e Caribe. Sou considerada uma planta invasora, uma vez que me espalho muito rapidamente por áreas que afetam espécies nativas e ecologicamente importantes. Além disso, posso causar alterações no ecossistema e perda de biodiversidade.

CD: O rótulo de planta invasora parece contraditório ao seu nome popular Olhos de poeta. Como sentes essa classificação?

489

Às vezes penso que invasores e daninhos são os seres, que se dizem humanos. Mmm vou falar humanos no masculino para reforçar os traços patriarcais da linguagem que se anuncia e se escreve, e que, também podemos chamar de invasora, tanto quanto este rótulo que me categoriza. A classificação de planta invasora ou daninha me despertou uma vontade de invadir mais ainda os espaços que não me pertencem, aos olhos dos humanos. Isto gerou todo um manejo do meu cultivo pois minhas sementes tem uma imensa capacidade de migrar e se proliferar (ainda mais que como flor possuo em conjunto os órgãos reprodutivos femininos e masculinos). Aqui na Colômbia, por exemplo, os estudos de alelopatia me fizeram, a partir desta classificação, performar minha existência nas cidades. Por isso me alastrei bastante no espaço urbano mais que em outras áreas rurais e protegidas ambientalmente, onde, pouco a pouco, não sou mais considerada um perigo de invasão constante...

CD: Poderia nos falar mais sobre os estudos de alelopatia?

Sim! Estes são estudos bem importantes para plantas como eu. Trazem uma maneira de pensar em espécies vizinhas que colabaram para a manutenção da vida vegetal. A alopatia é um fenômeno biológico pelo qual um organismo produz um ou mais compostos bioquímicos que influenciam o crescimento, sobrevivência ou reprodução de outros organismos. No meu caso, tem duas plantas que são ótimas vizinhas: uma é a *hierba buena*, que vocês conhecem como menta e, a outra que se chama artemísia. Quando elas estão mais próximas, em um mesmo terreno, meu instinto de invasão dança de outra maneira... Daí consigo fazer percursos mais alastrados para o chão onde vou encontrar alguns animais que saboreiam minhas flores e caules em seu cardápio alimentando-se de minhas partes, o que vai gerando um fluxo mais de continuidade e menos dano...

CD: E a classificação como planta migrante, como sentes que interfere em sua existência invasora?

Com essa pergunta podemos tomar um pouco de tempo e deixar que o vento forte afete nossas palavras, pode ser? As minhas pétalas são frágeis, às vezes parecem um papel fininho e se desmancham em contato com a chuva.....

490

.....

As plantas migrantes. As plantas migram e se movem. Também são cultivadas, manejadas, hibridizadas. Como planta, com nome “Olhos de poeta”, dou voltas com estes pensamentos pois, tantas vezes, a palavra migração é marginalizada ou criminalizada. Talvez minha corporeidade vegetal recupere uma performatividade mais gentil dessa palavra... já que aos olhares humanos vem acompanhada de violação, pobreza, perseguições, conflitos armados, violência racial, política e tantas outras condições inaceitáveis, aos meus olhos vegetais... As plantas migram e se movem desde sua aparição na Terra e para os olhos humanos elas parecem estar fixas pois esses movimentos acontecem em velocidades mínimas, quase invisíveis. Em geral são velocidades lentas e, por isso, requerem vários anos para se movimentar alguns metros. As plantas como eu, se movem sem pressa, mas sem pausa, entendeu?

CD: Olhos de poeta, podemos nos perguntar, então, até onde as plantas que temos hoje pertinho de nós, irão?

Ninguém sabe muito bem humana que pergunta, apenas a passagem do tempo e nossas ações determinarão isso...Digo nossas, pensando em nossas relações interespecies e em nossas imensas capacidades de resistência e insurgência. Insurgência é uma palavra importante pra gente, assim como a migração. Insurgência como um levantamento contra uma condição que se impõe. Eu poderia pensar que o meu enunciado performativo principal de vida parte do desejo de insurgir, alguns me vêem como invasora, me vejo mais como desobediente ou insurgente. Não tenho olhos como os seus para poder chorar mas, como já te disse antes minha existência é frágil, penso que como chuva ou vento forte minha pétala se transforma, minhas sementes se alastram, minhas folhas caem e viram adubo. Essa confluência entre palavras é o que rasura meu nome. Por exemplo, as palavras olhos e folhas, *ojos y hojas*, na circularidade das suas escrituras vivas vão transformando sentidos do que se lê, se escuta, ou seja, se escrevem insurgindo em suas próprias maneiras de habitar e serem chamadas no mundo...

CD: Olhos de poeta, para irmos tecendo um enunciado performativo desta conversa imaginativa gostaria de nos dizer algo mais sobre o seu nome?

491

Na verdade penso que meu nome científico de *Thunbergia alata* foi substituído por conta das cores vibrantes de minhas flores. São Olhos de poeta, pois se destacam no espaço, mesmo que já tenham tombado no chão. Poeta e poesia fundidas na cor cinza da cidade, dos muros, dos terrenos baldios e do concreto do asfalto. No Brasil, tenho cores amareladas vibrantes e aqui na Colômbia é mais frequente me enxergar em um laranja fluoesciente. Estou em toda a América Tropical migrando pela força dos ventos. Pouca gente sabe, mas, também tenho propriedades medicinais, sou antiespasmódica e posso ser usada em infusão ou decocto. Meu nome se acerca dos olhos mas poderíamos pensar em outras partes do corpo. Mãos de poeta, Boca de poeta... Quando me vêem na rua, o meu próprio nome já chama uma condição ou enuncia olhares. Talvez por isso minha classificação de invasora revele um mundo fissurado, os olhos de poeta encerrados... Por isso, penso nos olhos ampliados a todo corpo que movimentam as pálpebras em direções moventes. Mesmo quando já estou caída no chão, fundida com as folhas que se somam ao adubo, ainda assim sou olhos, talvez poeta nem tanto... Me pergunto como ser uma poeta nessa mundo. Em

que direção. Talvez o que mais chame atenção no meu nome é o que se instaura como pergunta: como ter olhos de poeta mais pra além de uma filosofia de linguagem, mais perto da vida? O que se demonstra em meu nome chama já em si um enunciado, tão carente de vizinhanças, de rasuras, de rompimentos duráveis e não ocasionais. Às vezes migro pelo cansaço, migro de nome e de chão. Sou Olhos de poeta mas nem sequer possuo cabeça. Meu corpo todo apenas se move com a direção do vento e da chuva em uma dança quebrada pelas direções das caminhadas de quem me colhe...

CD: Ojos de poeta, caminho contigo nas miradas possíveis. Coletei algumas de suas flores que já estavam no chão. Dancei com as mãos e deitei todas elas sobre o caderno onde esta entrevista ensaiou as primeiras palavras também deitadas, escritas e enunciadas com o seu próprio corpo.



492

Encontro dos Olhos de poeta e o pedaço torto da folha de caderno. Bogotá, 2022.

Sobre a entrevista: Esta entrevista imaginativa nasce no Seminario Taller de Articulación III (Metodologías de Investigación-Creación) do programa de

Doctorado en Estudios Artísticos da Facultad de Artes ASAB da Universidad Francisco José de Caldas, de Bogotá. Componente curricular da linha de pesquisa em Estudios críticos das corporeidades, das sensibilidades, y das performatividades, ministrado pela Profa. Dra. Sandra María Ortega Garzon.

A partir da proposta: “reconhecer o corpo animal que me segue” foram apresentados estudos de dramaturgias colombianas que trabalham princípios imaginários e introduzem o tema do animal para análise do mito crítico e de representações poéticas. Esta entrevista cria outra camada: “reconhecer a corporeidade vegetal que me segue”, articulando princípios de investigação-criação eco-poéticas emergentes da proposta inicial.

As eco-poéticas são incitadas em instâncias sensíveis mais solidárias e imaginativas com o planeta em sentidos ecológicos de afetos e saberes. As reflexões em torno das referências apresentadas respiram as maneiras de ser e habitar mundos coexistentes.

Muitas autoras e artistas tem trabalhado eco-poéticas para instaurar outras formas de prestar atenção ao planeta. Aqui agregam-se os pensamentos de “manifesto” e “fabulações especulativas”, propostos por Anai Bastos e Donna Haraway como formas interculturais, políticas, sensíveis e estéticas, sem separação e, em rede de relações que se sustentam em conexões interespecies. Desse modo, esta entrevista é uma aproximação com os assuntos mencionados em uma etapa processual de proposição. A conduta de imaginar revela incompletudes insistentes e a necessidade de continuação viva das palavras percorridas até aqui respira neste espaço, até onde alcançam a folha desta página.

Referências Bibliográficas

BALLÉN, S.C. Algunas consideraciones sobre investigación-creación. In: **Corporeidades, sensibilidades y performatividades. Experiencias y reflexiones**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2014. (p. 83-98). Disponível em: <https://repository.udistrital.edu.co/bitstream/handle/11349/30082/Corporeidades.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em 14/10/2022.

BASTOS, Anai G. V. Manifesto de uma erva daninha. **Cadernos SELVAGEM**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2021. Disponível em:

https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2022/10/CADERNO55_BRITOS.pdf. Acesso em 31/10/2022.

HARAWAY, Donna J. **Seguir con el problema: Generar parentesco em el Chthuluceno**. 3 ed. Buenos Aires: Consonni Editora, 2021.

ORTEGA, Sandra M. G. **De hombres y de bestias: Figuras animales de lo político en el teatro colombiano contemporáneo**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2020.

TAYLOR, Diana. **Performance**. 1 ed. Buenos Aires: Asunto Impreso Editores, 2015.

Recebido em 09/08/2022, aceito em 24/11/2022